

A RELÍQUIA, POR EÇA DE QUEIRÓS

Luís de Magalhães

APRESENTAÇÃO

O texto de Luís de Magalhães que aqui se reproduz foi originariamente publicado no diário portuense *A Província*, em 31 de maio de 1887, e é pela primeira vez objeto de uma republicação integral. O autor era um admirador e um íntimo amigo de Eça de Queirós, que o convidou para secretariar a *Revista de Portugal*, cuja publicação teve início em 1889.

A Relíquia, o romance queirosiano comentado por Luís de Magalhães n' *A Província*, foi um dos mais controversos e discutidos do escritor, sobretudo devido à intensa polémica que suscitou a sua frustrada candidatura ao Prémio D. Luís, instituído pela Academia Real das Ciências de Lisboa. Eça publicou *A Relíquia*, que concluiu em poucos meses, quando o mundo literário e jornalístico português esperava pel' *Os Maias*, e a diferente facilidade com que terminou um e outro destes romances é bastante esclarecedor sobre qual era, naquele momento, o seu registo discursivo mais natural.

O livro em que o cônsul escritor descreve, nem sempre satiricamente, as aventuras do Raposo em Lisboa e na sua peregrinação à Palestina foi acusado sobretudo, como se sabe, de falta de *realismo* e de incoerência estilística e argumental por parte de escritores que sempre se haviam mantido distanciados desse mesmo realismo, que

consideravam grosseiro e imoral. Pinheiro Chagas, por exemplo, autor do relatório do júri do prémio da Academia, justificou a atribuição do prémio a outro autor, Henrique Lopes de Mendonça, por considerar inverosímil que o Teodorico burlesco da boémia coimbrã e alfacinha e da paixão obsessiva e grotesca por uma prostituta inglesa em Alexandria seja o mesmo que tem a visão da Paixão de Cristo, na Terra Santa.

É certo que alguns amigos de Eça de Queirós, tendo à cabeça Mariano Pina, responsável pelo jornal *A Ilustração*, que se publicava em Paris, criticaram a falta de rigor do júri do prémio D. Luís e a injustiça de não ser concedido o prémio ao mais aclamado e inovador romancista português. Mas a perplexidade de Pina perante *A Relíquia* não era muito menor do que a de Guiomar Torresão ou Pinheiro Chagas: não via o livro como obra séria, mas como uma genial obra humorística, que representaria um episódio tão extravagante e passageiro como *O Mandarin*, que o próprio Luís de Magalhães classificara, na *Revista Científica e Literária*, como “um descanso, um desaforo momentâneo no áspero estudo da realidade humana”.

Não é isso que vem dizer nesta recensão Luís de Magalhães, e tratando-se de um amigo tão próximo do escritor da Póvoa de Varzim, é lícito pensar que aquilo que nos transmite tivesse o aval do próprio romancista: Eça não tinha deixado de ser realista e até naturalista, não rompera com Flaubert ou Zola, mas a sua conceção de naturalismo alterara-se substancialmente, tal como já demonstravam os seus dois prefácios de 1886, o anteposto ao romance *O Brasileiro Soares*, da autoria do próprio Luís de Magalhães, e, sobretudo, o prefácio aos *Azulejos* do seu amigo Bernardo Pindela, conde de Arnoso.

Recordemos que o triunfo do Naturalismo como modelo estético dominante no romance europeu, consumado pelo êxito público de *L'Assommoir* (1878) e *Nana* (1880), tinha imposto a esse género literário um conjunto de regras técnico-narrativas (informalmente

fixadas, mas estritamente obedecidas) que passava pela heterodiegese, pela impersonalidade narrativa e pela imparcialidade do narrador face às personagens e aos factos descritos. Incluía ainda a focalização interna das personagens e a adoção sintática do discurso indireto livre. Um notório discípulo do autor de *Germinal*, Joris-Karl Huysmans, iniciara a contestação desse modelo com a publicação de *À Rebours* (1884), romance que viria a tornar-se numa das principais referências da literatura decadentista. O “Manifeste des Cinq contre *La Terre*”, em que o volume décimo-quinto dos *Rougon-Macquart* é acusado, por jovens escritores que se autoproclamam naturalistas, de ser uma obra imoral e indigna, só viria a ser publicitado no jornal *Le Figaro* a 18 de agosto de 1887, mas comprova a existência de uma insubordinação antizoliana já instalada e subindo de tom. Essa crescente desobediência ao cânone imposto pelo Mestre (como lhe chamam os próprios dissidentes), colocava definitivamente em crise a fórmula estilística única e irredutível do Naturalismo e abria a possibilidade de produzir obras desalinhasadas com o dogma.

Essa abertura vinha talvez já demasiado tarde para salvar obras como *O Conde de Abranhos* ou *A Capital*, mas permitia a Luís de Magalhães assumir sem reboço e sem vergonha a defesa do novo romance de Eça. *A Relíquia* não constituía, portanto, um interregno, um interlúdio lúdico de um percurso literário centrado no estudo sério e metuculoso da sociedade; era antes um artefacto estético produzido por um escritor que se apercebera do esgotamento da fórmula e do paradigma que dominara o discurso romanesco durante cerca de uma década, mas que necessitava de renovar-se para manter atualidade e eficácia.

O jornal *A Província* publicou-se no Porto entre 1885 e 1904, tendo sido Oliveira Martins o seu primeiro diretor e Luís de Magalhães (que publicaria também neste diário uma resenha crítica d’*Os Maias*) um dos seus mais profícuos colaboradores.

Tanto como nos foi dado constatar, a única coleção deste importante jornal, em que também colaborou Antero de Quental e outros significativos vultos literários do final do século XX, é aquela que se encontra na Biblioteca Pública Municipal do Porto, com consulta vedada ao leitor comum e a pedir restauro e digitalização urgentes. Excepcionalmente, foi-nos concedida cópia do jornal em que figura o artigo aqui reproduzido, gentileza que não podemos senão agradecer. Contudo, a importância do jornal no plano regional e nacional, o seu valor patrimonial, em suma, exigem a sua salvaguarda e disponibilização pública. Se não forem tomados atempadamente os cuidados necessários, uma parte importante da cultura portuguesa perder-se-á definitivamente.

Por razões de espaço e legibilidade, a reprodução em fac-símile do artigo original foi objeto de montagem.

António Apolinário Lourenço

<https://orcid.org/0000-0002-1014-0459>

suas classes, os seus partidos, os seus conservadores e os seus revolucionarios, os seus dominadores romanos, as suas populações, a sua justiça, o seu Deus duro e terrível, o seu Martyr impenitente, perdido no sonho mystico do Bem! Que poder de imaginação para ver, humana, palpavel e real, toda essa grande pagina da Historia, pagina que marcou um novo capitulo na vida social e religiosa dos Povos! E este quadro do germen, da fonte, do nascimento d'uma religião—não será tão verdadeiro e muito mais difficil do que o estudo dos ultimos phenomenos da sua decadencia, das ultimas podridões da sua dissolução, que constituem o quadro do *Crime do Padre Amaro*?! As estreitas condemnações de Zola contra o romance historico são d'uma flagrante injustiça. Uma das grandes obras de Flaubert ha de ser sempre a *Tentação de Santo Antônio*—essa soberba reconstituição erudita da neurose d'um anachoreta; e muito bons criticos põem a *Solambó* acima de *Madame Bovary*. A verdade não soffre restricções de espaço ou de tempo. Está onde está, e é o que é. *Est quod est*.

O episodio phantastico da *Reliquia* é, pois, um dos mais reaes. Uma das primeiras cousas que n'elle fare o espirito é a sagacidade com que em todo esse quadro o artista colloca sempre a figura do Christo no segundo plano. Quando o catholico hypocrita do nosso tempo dá de cara com Jesus em frente de Pilatos, o seu coração, que esperava um grande abalo mystico, sente-se inexplicavelmente frio. «Mas, oh rara surpresa da alma variavel, não senti extasis nem terror! Era como se de repente me tivessem fugido da memoria longos, laboriosos seculos de Historia e de Religião... Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era Theodorico Raposo, christão e bacharel. Era Theodoricus, um Lusitano, que viera n'uma galera das praias ressoantes do Promontorio Magno, e viajava, sendo Tiberio imperador, em terras tributarias de Roma. E aquelle homem não era Jesus, nem Christo, nem Messias,—mas apenas um moço da Galilea que, cheio d'um grande sonho, desce da sua verde sidade para transfigurar o mundo e renovar todo um céo, e encontra a uma esquina um Nothemim do Templo que o amarra e o traz ao Pretor, n'uma manhã d'audiencia, entre um ladrão que roubara na estrada de Sichem e outro que atrára facadas n'uma rixa em Emath!». O que domina n'esta larga tela não é a apparição mystica d'um chefe de setta ensuado, nem a figura romantica d'um idealista humanitario: é, sim, o quadro complexo d'um estado social typico, um estado social que se vem repetindo de seculos a seculos, quando n'uma sociedade podre, inerte, ankylosada pelo formalismo das Leis e da

te, ankylosada pelo formalismo das Leis e da Ordem—rebenta um grito de revolta, um grito de protesto, que é como a alvorada pallida d'uma nova doutrina, d'uma nova moral, de uma nova justiça. E assim, synthetizando a engenhosa e significativa coarvesa que se desenrola, depois d'um almoço, em casa de Gam-

mallel, Topsis exclama: «Homens que me haveis acolhido, a verdade abunda nos vossos espiritos como a uva abunda nas videiras! Vós sois tres torres que guardaes Israel entre as nações: uma defende a unidade da Religião, outra mantem o entusiasmo da Patria; e a terceira, que és tu, venerando filho de Beothos, cauto e ondeante como a serpente que amava Salomão, protege uma cousa mais preciosa que é a Ordem!... Vós sois tres torres; e contra cada uma o Rabbi da Galilea ergue o braço e lança a primeira pedrada! Mas vós guardaes Israel e o seu Deus e os seus deus, e não vos deveis deixar derrocar!... Em verdade agora o reconheço, Jesus e o Judaismo nunca poderiam viver juntos.» E quando no morro do Golgotha, em frente do Christo agonizante, um sadduceu de longas melexas untadas brada que sempre nos calvarios se hão de erguer cruces para sacrificar os inimigos da Ordem, o homem contemporaneo, que assiste milagrosamente a esta scena da Antiguidade, commenta aquella phrase com a seguinte tirada, cujo final é um eloquentissimo grito de justiça: «E senti uma densa melancholia entenebrecer a minha alma pensando n'essas cruces vindouras, annunciadas pelo conservador de guedelha oleosa... Assim seria, oh dura miseria! Sim! d'ora avante por todos os seculos a vir, iria sempre recommençando em torno a lenha das fogueiras, sob a frialdade das masmorras, junto ás escadas das forcas—este affrontoso escandalo de se juntarem Sacerdotes, Patricios, Magistrados, Soldados, Doutores e Mercadores, para matarem ferozmente n'um alto morro o justo que penetrado do esplendor de Deus ensina a Adoração em Espirito, ou cheio do amor dos homens proclama o Reino da Igualdade!»

Vimos, pois, esta obra como um estudo de psychologia, como o quadro d'um momento social typico, como um bello ensaio de erudita reconstituição historica.

Mas ha ainda outro aspecto sob que é mister consideral-a:—sob o aspecto de satyra religiosa. E é justamente este um dos caracteres mais eminentes da *Reliquia* e onde o genio de Eça de Queiroz se revela com mais profundidade.

Essa satyra, porem, não tem o feitiço do sarcasmo, da apostrophe blasphema, da insolencia brutal, que são as armas habituaes dos

lencia brutal, que são as armas habituaes dos verrinarios hereticos. Mas sendo menos truculenta, menos ruidosa—é contudo mais penetrante, mais profunda. Entre estes dois tipos da grande arma da ironia ha a mesma differença que entre um sabre e um florete—entre o golpe e a estocada. Aquelle contunde, mas esta traspassa.

Que extraordinario effeito critico não produz, por exemplo, a scena entre Raposo e Eliezer, o Doutor da Tripa, em casa de Gamaliel, discutindo a personalidade de Jesus! O coevo do futuro deus, doutor do Templo, membro do Sanhedrin, nada sabia de Jesus—nem da sua vida lendaria, nem do seu infamante supplicio, realisado n'aquella tarde! «Atarefado com os enfermos que pela Paschoa atuiham Jerusalem (confessou elle) não fóra ao Xistus, nem a loja do perfumista Cleos, nem aos eirados do Hannan, onde as novas voam mais numerosas do que as pombas: por isso nada ouvira da apparição d'um Messias. . . » E é o portuguez, o catholico do seculo XIX, quem conta «ao Physico de Jerusalem, creado entre os marmores do Templo, a vida do Senhor!» Que sangrenta lançada critica, vibrada ao coração mesmo do mytho, a d'esta aproximação, entre burlesca e philosophica, dos dois momentos extremos da historia d'uma religião! Pois não veem aqui frente a frente, encarnados em personagens de comedia, o Judaismo e o Catholicismo? Não veem, sob um aspecto buffo e piccaresco, aquella mesma grandiosa scena do episodio grego do *Faust* quando Goethe põe Mephistopheles, a encarnação moderna do Mal, conversando na Grecia classica com as chimeras, os grifos e outros velhos symbols infernaes da Antiguidade?

E' n'esta nota de impassibilidade critica, de relatividade historica em frente d'uma religião—que está o segredo do profundo alcance philosophico da ironia de Eça de Queiroz—essa ironia que reduz o prodigio a realidade, que faz emergir a historia d'entre a neblina vaga da lenda. Com esta força, os seus golpes são formidaveis, irresistiveis. Penetram até á fibra mais intima: varam de lado a lado. E assim o livro termina este duello cruel com uma verdadeira estocada de morte, nas considerações que a Theodorico suggerem a troca dos embrulhos e as suas fataes consequencias. Perdera tudo—por uma estúpida falta de decisão. «Sim! quando em vez da Coró de Martyrio apparecera sobre o altar da titi, uma camisa de peccado—eu deveria ter gritado com segurança: «Eis ahí a Reliquia! Quiz fazer a surpresa. . . Não é a Coró de Espinhos! E' a camisa de Santa Maria Magdalena. . . Deu m'a ella no Deserto! . . . » E Theodorico explica, com outros exemplos, como esta hypothese não podia ser inverosimil para o catholico mesmo de sua tia e dos seus amigos padres. L chorando tudo o que perdera, em bens e honras, com a sua cega confusão, exclama esta derradeiras e profundas palavras: «E tudo is-

ras, com a sua cega confusão, exclama estas derradeiras e profundas palavras: «E tudo isto perderá! Porquê? Porque houve um momento em que me faltou esse «descarado heroismo de affirmar», que batendo na terra com pé forte, ou pallidamente elevando os olhos ao céu—cris, atravez da universal illusão, Sciencias e Religioes.»

Eis, em alguns traços, o fundo d'esse originalissimo livro, o primeiro talvez onde Eça de Queiroz se ostenta na plena acção das suas complexas faculdades, onde elle maneja a um tempo o estylo, a psychologia, a moral, a archeologia e a historia. A todas as qualidades já apontadas, juntem se, porém, os thesouros d'uma forma unica, que dobra a palavra a todas as mais requintadas exigencias da expressão, que a subtilisa como um perfume, que a faz fulgir como a luz, que a torna marmureosa como uma brisa, profunda e limpida como a agua d'um lago; uma forma que encontra todas as notas desde a phrase solemne d'um deus ao dito imbecil d'um calino, desde a apostrophe ardente e austera do Essenio ao galucho piapptico d'um devasso torpe—juntem-se uma forma, que attinga a quintessencia da originalidade e o extremo limite da expressão—e ter-se á apenas vagamente suspeitado

do que seja essa bizarra e maravilhosa Reliquia, onde o genio de Eça de Queiroz se nos manifesta n'uma face nova.

LUÍS DE MAGALHÃES.

CIÊNCIAS E LETRAS

A Relíquia por Eça de Queirós

Luís de Magalhães, in *A Província*,
Porto, 31 de maio de 1887, pp. 2-3.

Diz-se que Shakespeare nunca tivera consciência do valor e alcance da sua prodigiosa obra teatral. Foi a plêiade dos seus críticos, dos seus exegetas, quem descobriu nessa enorme galeria cavada através da Alma Humana os filões inesgotáveis de mil teorias, de mil pontos de vista científicos, definidos e coordenados agora pelo saber contemporâneo, e dos quais o poeta do Avon teve como que a antevisão genial, no vago iluminismo dos seus palpites de vate. Esse facto é trivial de resto: e muitas das grandes obras literárias atravessam uma época sem verdadeira consciência do seu carácter e da sua significação, como as nuvens passam no ar tomando formas e expressões de objetos e de animais, que só o observador descobre e nomeia.

Com Eça de Queirós, com o ilustre mestre do *Crime do Padre Amaro*, não se deu, ou melhor não se dá absolutamente este mesmo facto. E corrijo muito de propósito o tempo do meu verbo, porque me parece que esta *nuance* de conjugação exprime bem a ideia de que no espírito do nosso romancista se operou, a partir do *Mandarim*, uma curiosa evolução de *consciência* literária. Oliveira Martins já aqui o frisou duma maneira mais precisa, na lúcida nota crítica com que precedeu as transcrições da *Relíquia*, quando se referiu à *ilusão do próprio escritor que procurava e não achava o seu caminho no género do romance moderno, criado por Diderot*.

Com efeito, como documento da história intelectual do autor, a *Relíquia* manifesta este fenómeno culminante: Queirós entra na plena consciência do seu temperamento artístico e resolve-se a pô-lo em ação, sem exclusões, sem amputações determinadas por um *parti-pris* de escola, por uma obediência metódica às regras doutrinárias duma certa estética. *Homo sum*.

Sou um homem: rio e choro, observo e comento, analiso e sonho, adoro e blasfemo. Em mim há a plena vida da minha espécie, a plena vida da minha raça, a plena vida do meu tempo. Olho o mundo em todos os seus aspetos, com todos os múltiplos olhos do espírito – esse Argus Panoptes de cem pálpebras abertas sobre a realidade e a fantasia.

É esta agora a sua estética, a sua lei artística. Mas não o foi sempre, porque durante muito tempo o nosso escritor enfeudou o seu belo espírito à suserania duma escola, e enclausurou-o aí, sob a regra férrea dum sistema, entre a cela estreita duma convenção literária, como quem cerrasse as grades da Trapa sobre um aventureiro irrequieto e audaz. Por isso ele tinha sempre o cuidado de se desculpar dessas escapadas, como no prólogo da tradução francesa do *Mandarim*, como no prólogo da reedição do *Mistério da Estrada de Sintra*. Numa dessas belas páginas, confessava já que, na sua qualidade de peninsular, era apenas observador por disciplina e convicção. A fantasia atraía-o, tentava-o, subia-lhe do fundo do seu ser em ataques violentos, como o sangue numa apoplexia. Tornava-se preciso abrir-lhe caminho, deixá-la correr para evitar a congestão. E era destas sangrias literárias que saíam as suas obras fantásticas.

Hoje, porém, a imaginação já não é para Queirós um pecado. Não desertou decerto essa bandeira do Realismo, que ele jurara nas célebres conferências do Casino, ao sentar praça no glorioso batalhão das Letras. Flaubert e Zola são ainda os seus mestres. Mas a sua estética alargou as vistas, o exclusivismo desapareceu, um novo aspeto de arte esboça-se no seu espírito: e no frontispício da *Relíquia* encontramos já, como um dogma, como uma tese, como uma divisa, este dístico largo e profundo: – *Sobre a nudez forte da Verdade – o manto diáfano da Fantasia*.

Sim, Queirós já não considera as suas obras humorísticas e fantasmagóricas como um simples *repouso no áspero estudo da realidade humana*. Já não as toma como triviais pretextos para as virtuosidades do seu estilo incomparável, trabalhado pacientemente ao cinzel, como um relevo de Cellini. Dentro dessa prosa opulenta, nobre, marmórea, pomposa – o seu espírito

mete agora cenas mais largas, personagens mais extraordinários, conceitos mais altos, toda a vibração da sua mordente ironia, que na *Relíquia* junta ao mais bizarro imprevisito a maior profundidade crítica. Todas estas qualidades, embrionárias no *Mandarim*, aparecem agora desabrochadas numa florescência soberba, uma florescência genesiaca, em todas as páginas da sua última obra. Por vezes chega a produzir vertigem aquela energia, aquele ímpeto de imaginação, torcendo-se nas volutas mais extravagantes, nos arabescos mais complicados, subindo em esfuziadas de *verve*, explodindo como um petardo em grandes *bouquets* de estilo deslumbrante. É toda a espontaneidade dum temperamento fantástico combinada com todas as qualidades dum espírito profundamente artístico. O homem está ali todo – enfim.

Quererei dizer com isto que deva passar-se um traço sobre os outros romances do escritor? Quererei com estas palavras negar o valor dessas obras-primas que se chamam *O Crime do padre Amaro* e *O Primo Basílio*? Não, decerto. Longe de mim tão herético pensamento. Seria condenar por absoluto o nosso romance contemporâneo, porque quer um quer outro daqueles dois livros, mas sobretudo o primeiro, estão destinados a ficar na literatura portuguesa como um magnífico padrão, como um marco milário da evolução do nosso génio artístico. Objetivamente, pois, o valor das obras *realistas* e das obras *fantásticas* de Eça de Queirós é equivalente. Mas se através das obras se quiser procurar a individualidade do autor, se de entre as páginas pretendermos exumar o temperamento literário, a psicologia do artista – então força é confessar que as obras *fantásticas* sobrelevam às *realistas*, porque naquelas há, com a plena espontaneidade, toda a extensão indefinida do seu grande espírito.

*

Registre-se, pois, esta nova fase literária de Eça de Queirós. A par do metódico e sistemático estudo da realidade humana, a par das pacientes

e conscienciosas autópsias dos caracteres e dos temperamentos, a par das poderosas criações dos tipos – vêm agora as fantasmagorias humorísticas, o romance de *charge*, as novelas originais e indisciplinadas onde a fantasia e a história, a tragédia e a comédia, o patético e o grotesco, o sarcasmo e a piedade, a nota filosófica e a nota real, se acotovelam, se misturam, se dão as mãos, movendo-se, torcendo-se, agitando-se, rodopiando epileticamente, como numa sarabanda macabra. Todas as faculdades estranhas, bizarras, originais, que o fantasista da *Gazeta de Notícias* e das *Farpas* havia manifestado – acham por fim o seu caminho, encontram a sua forma, desabrocham numa literatura própria. A obra de Queirós divide-se em duas correntes, bifurca-se como um rio junto do seu delta. Ambos esses braços correm para o mar – correm para um mesmo fim, que é a Verdade. Mas o caminho é diferente; diferentes os aspetos das margens; diferentes os acidentes do terreno; – quer dizer diferentes o método, o processo, a forma e a fisionomia das obras.

Nos seus romances do primeiro tipo – Queirós toma um caso particular e concreto de psicologia, uma hipótese qualquer da vida, um qualquer exemplar humano, sobre que o seu espírito trabalha com o escalpelo da análise. Nos romances do segundo tipo, porém, os sentimentos são tomados em síntese, abstratamente, a forma substitui a expressão impassível da crítica pelo rictus cáustico da ironia, e a própria análise em vez de descer, de cavar, de profundar no solo da realidade, dissecando as raízes *humanas* dum certo personagem, ergue-se, eleva-se, e sobe no espaço enleando-se às ramificações aéreas da fantasia. Assim o *Mandarim* é um estudo humorístico do Remorso: assim a *Relíquia* é um estudo humorístico da Hipocrisia.

Eis o novo campo estético em que Eça de Queirós se interna agora, não já como numa escapada aventureira e boémia, mas com o passo firme e decidido dum explorador vitorioso que segue com segurança uma determinada marcha. Por isso eu disse que a *Relíquia* representava um ato de *consciência* artística. Este género de romance, que é dele, muito dele, onde toda a sua

individualidade se expande larga e acentuadamente, há de decerto tentá-lo, arrastá-lo, levá-lo a toda uma série de obras, que será talvez a mais bela coroa da sua glória literária.

Veja-se a soma de faculdades que entram em jogo na *Relíquia*; e esta consideração bastará para se compreender imediatamente o alcance extraordinário das obras deste tipo, muito mais complexas, muito mais profundas até certo ponto, apesar da sua indisciplina e incoerência, do que as que constituem a sua galeria realista. Ali há tudo desde o solene quadro antigo à picaresca *pochade* de ateliê: desde as tintas mais nobres dum pincel de acadêmico até às linhas mais cómicas dum lápis de caricaturista.

Que longas e pacientes investigações, que escrupulosas leituras – para pôr de pé numa perfeita ressurreição, viva, movimentada, ruidosa, a velha Jerusalém de Herodes, com o seu templo deslumbrante, as suas ruas tortuosas, a sua vida doméstica, as suas ideias, as suas classes, os seus partidos, os seus conservadores e os seus revolucionários, os seus dominadores romanos, as suas populaças, a sua justiça, o seu Deus duro e terrível, o seu Mártir impenitente, perdido no sonho místico do Bem! Que poder de imaginação para *ver*, humana, palpável e real, toda essa grande página da História, página que marcou um novo capítulo na vida social e religiosa dos Povos! E este quadro do gérmen, da fonte, do nascimento duma religião – não será tão verdadeiro e muito mais difícil do que o estudo dos últimos fenómenos da sua decadência, das últimas podridões da sua dissolução, que constituem o quadro do *Crime do Padre Amaro*?! As estreitas condenações de Zola contra o romance histórico são duma flagrante injustiça. Uma das grandes obras de Flaubert há de ser sempre a *Tentação de Santo Antão* – essa soberba reconstituição erudita da nevrose dum anacoreta; e muito bons críticos põem a *Salammbô* acima de *Madame Bovary*. A verdade não sofre restrições de espaço ou de tempo. Está onde está, e é o que é. *Est quod est*.

O episódio fantástico da *Relíquia* é, pois, um dos mais reais. Uma das primeiras cousas que nele fere o espírito é a sagacidade com que em todo esse quadro o artista coloca sempre a figura do Cristo no segundo plano.

Quando o católico hipócrita do nosso tempo dá de cara com Jesus em frente de Pilatos, o seu coração, que esperava um grande abalo místico, sente-se inexplicavelmente frio. «Mas, oh rara surpresa da alma variável, não senti êxtase nem terror! Era como se de repente me tivessem fugido da memória longos, laboriosos séculos de História e de Religião... Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era Teodorico Raposo, cristão e bacharel. Era Theodoricus, um Lusitano, que viera numa galera das praias ressoantes do Promontório Magno, e viajava, sendo Tibério imperador, em terras tributárias de Roma. E aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias, — mas apenas um moço da Galileia que, cheio dum grande sonho, desce da sua verde aldeia para transfigurar o mundo e renovar todo um céu, e encontra a uma esquina um Nethenim do Templo que o amarra e o traz ao Pretor, numa manhã de audiência, entre um ladrão que roubara na estrada de Siquém e outro que atirara facadas numa rixa em Emath!». O que domina nesta larga tela não é a aparição mística dum chefe de seita endeu-sado, nem a figura romântica dum idealista humanitário: é, sim, o quadro complexo dum estado social típico, um estado social que se vem repetindo de séculos a séculos, quando numa sociedade podre, inerte, anquilosada pelo formalismo das Leis e da Ordem — rebenta um grito de protesto, que é como a alvorada pálida duma nova doutrina, duma nova moral, de uma nova justiça. E assim, sintetizando a engenhosa e significativa conversa que se desenrola, depois dum almoço, em casa de Gamaliel, Topsius exclama: «Homens que me haveis acolhido, a verdade abunda nos vossos espíritos como a uva abunda nas videiras! Vós sois três torres que guardais Israel entre as nações: uma defende a unidade da Religião, outra mantém o entusiasmo da Pátria; e a terceira, que és tu, venerando filho de Beothos, cauto e ondeante como a serpente que amava Salomão, protege uma coisa mais preciosa que é a Ordem!... Vós sois três torres: e contra cada uma o Rabi da Galileia ergue o braço e lança a primeira pedrada! Mas vós guardais Israel e o seu Deus e os seus bens, e não vos deveis deixar derrocar!... Em verdade agora o reconheço, Jesus e o Judaísmo nunca poderiam viver juntos.» E

quando no morro do Gólgota, em frente do Cristo agonizante, um saduceu de longas melenas untadas brada que sempre nos calvários se hão de erguer grandes cruzes para sacrificar os inimigos da Ordem, o homem contemporâneo, que assiste milagrosamente a esta cena da Antiguidade, comenta aquela frase com a seguinte tirada, cujo final é um eloquentíssimo grito de justiça: «E senti uma densa melancolia entenebrece a minha alma pensando nessas cruzes vindouras, anunciadas pelo conservador de guedelha oleosa... Assim seria, oh dura miséria! Sim! doravante por todos os séculos a vir, iria sempre recomeçando em torno à lenha das fogueiras, sob a frialdade das masmorras, junto às escadas das forcas – este afrontoso escândalo de se juntarem Sacerdotes, Patrícios, Magistrados, Soldados, Doutores e Mercadores, para matarem ferozmente num alto morro o justo que penetrado do esplendor de Deus ensina a Adoração em Espírito, ou cheio do amor dos homens proclama o Reino na Igualdade!»

*

Vimos, pois, esta obra como um estudo de psicologia, como o quadro dum momento social típico, como um belo ensaio de erudita reconstituição histórica.

Mas há ainda outro aspeto sob que é mister considerá-la: – sob o aspeto de sátira religiosa. E é justamente este um dos caracteres mais eminentes da *Relíquia* e onde o génio de Eça de Queirós se revela com mais profundidade.

Essa sátira, porém, não tem o feitio do sarcasmo, da apóstrofe blasfema, da insolência brutal, que são as armas habituais dos verrinários heréticos. Mas sendo menos truculenta, menos ruidosa – é contudo mais penetrante, mais profunda. Entre estes dois tipos da grande arma da ironia há a mesma diferença que entre um sabre e um florete – entre o golpe e a estocada. Aquele contunde, mas esta traspassa.

Que extraordinário efeito critico não produz, por exemplo, a cena entre Raposo e Eliézer, o *Doutor da Tripa*, em casa de Gamaliel, discutindo a per-

sonalidade de Jesus! O coevo do futuro deus, doutor do Templo, membro do Sanhedrin, nada sabia de Jesus – nem da sua vida lendária, nem do seu infamante suplício, realizado naquela tarde! «Atarefado com os enfermos que pela Páscoa atulham Jerusalém (confessou ele) não fora ao Xistus, nem à loja do perfumista Cleos, nem aos eirados do Hannan, onde as novas voam mais numerosas do que as pombas: por isso nada ouvira da aparição dum Messias...» E é o português, o católico do século XIX, quem conta «ao Físico de Jerusalém, criado entre os mármore do Templo, a vida do Senhor!» Que sangrenta lançada crítica, vibrada ao coração mesmo do mito, a desta aproximação, entre burlesca e filosófica, dos dois momentos extremos da história duma religião! Pois não veem aqui frente a frente, encarnados em personagens de comédia, o Judaísmo e o Catolicismo?! Não veem, sob um aspeto bufo e picaresco, aquela mesma grandiosa cena do episódio grego do *Fausto* quando Goethe põe Mefistófeles, a encarnação moderna do Mal, conversando na Grécia clássica com as quimeras, os grifos e outros velhos símbolos infernais da Antiguidade?!

É nesta nota de impassibilidade crítica, de relatividade histórica em frente duma religião – que está o segredo do profundo alcance da ironia de Eça de Queirós – essa ironia que reduz o *prodígio* a *realidade*, que faz emergir a *história* de entre a neblina vaga da *lenda*. Com esta força, os seus golpes são formidáveis, irresistíveis. Penetram até à fibra mais íntima: varam de lado a lado. E assim o livro termina este duelo cruel com uma verdadeira estocada de morte, nas considerações que a Teodorico sugerem a troca dos embrulhos e as suas fatais consequências. Perdera tudo – por uma estúpida falta de decisão. «Sim! quando em vez da Coroa de Martírio aparecera sobre o altar da titi, uma camisa de pecado – eu deveria ter gritado com segurança: «Eis aí a Relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a Coroa de Espinhos! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no Deserto!» E Teodorico explica, com outros exemplos, como esta hipótese não podia ser inverosímil para o catolicismo de sua tia e dos seus amigos padres. E chorando tudo o que perdera, em bens e honras, com a sua cega confusão, exclama estas der-

radeiras e profundas palavras: «E tudo isto perdera! Porquê? Porque houve um momento em que me faltou esse «descarado heroísmo de afirmar», que batendo na terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao céu — cria, através da universal ilusão, Ciências e Religiões.»

Eis, em alguns traços, o fundo desse originalíssimo livro, o primeiro talvez onde Eça de Queirós se ostenta na plena ação das suas complexas faculdades, onde ele maneja a um tempo o estilo, a psicologia, a moral, a arqueologia e a história. A todas as qualidades já apontadas, juntem-se, porém, os tesouros numa forma única, que dobra a palavra a todas as mais requintadas exigências da expressão, que a subtiliza como um perfume, que a faz fulgir como a luz, que a torna murmurosa como uma brisa, profunda e límpida como a água dum lago; uma forma que encontra todas as notas desde a frase solene dum deus ao dito imbecil dum calino, desde a apóstrofe ardente e austera do Essénio ao guincho priápico dum devasso torpe: — junte-se uma forma, que atingiu a quintessência da originalidade e o extremo limite da expressão — e ter-se-á apenas vagamente suspeitado do que seja essa bizarra e maravilhosa *Relíquia*, onde o génio de Eça de Queirós se nos manifesta numa face nova.

(Página deixada propositadamente em branco)